



Memórias Paroquiais de 1758 do concelho de Lousada: coletânea de informes históricos, arqueológicos e patrimoniais

LUÍS SOUSA¹

1 Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada.

RESUMO

Na forma de inquéritos, vários contextos socioeconómicos, do segundo e terceiro quartéis do século XVIII, possibilitaram a recolha de informações de distinta ordem junto das paróquias portuguesas. Todavia, nos escombros do Terramoto de Lisboa desapareceu uma parte significativa do conteúdo dos questionários realizados até 1755. Promovido pelo Marquês de Pombal, que à data desempenhava funções de Secretário de Estado dos Negócios do Reino, e organizado pelo Padre Luís Cardoso, um novo inquérito paroquial é encetado, concretamente em janeiro de 1758. É este o objeto de análise do presente texto, sendo coligidas nas respetivas respostas às 60 perguntas que aí se encontram, relativas à Terra, à Serra e ao Rio, as referências que compõem a coletânea de informes históricos, arqueológicos e patrimoniais que dão corpo ao artigo que se apresenta respeitante ao concelho de Lousada.

PALAVRAS-CHAVE

Lousada; Memórias Paroquiais; arqueologia; património.

ABSTRACT

In the form of surveys, various socioeconomic contexts of the second and third quarter of the 18th century made possible to collect information of different types from Portuguese parishes. However, in the rubble of the Lisbon Earthquake, a significant part of the content of the questionnaires carried out until 1755 disappeared. by the Marquis of Pombal, who at the time held the role of Secretary of State for Kingdom Affairs, and organized by Father Luís Cardoso, a new parish inquiry was initiated, specifically in January 1758. This is the object of analysis of this text, The respective answers to the 60 questions found there, relating to the Land, the Mountains and the River, include the references that make up the collection of historical, archaeological and heritage reports that give shape to the article presented regarding the municipality of Lousada.

KEYWORDS

Lousada; parish memories; Archaeology; heritage.

1. Introito

Nas últimas décadas, a realização de estudos tendo como suporte de investigação o *Inquérito Paroquial de 1758* tem provado que se trata de uma obra ímpar, desde logo porque compreende a totalidade do país, mas igualmente porque nela se recolhe o mais extenso catálogo de referências a sítios arqueológicos e a monumentos em Portugal Continental alguma vez mencionados até ao século XVIII. De norte a sul, do litoral ao interior, nas vulgarmente denominadas *Memórias Paroquiais*, ainda que, por vezes, em pontuais notas, de carácter arqueológico ou arquitetónico, encontra todo o concelho português as primeiras e, não raras vezes, as únicas menções a um determinado valor patrimonial incluído no seu aro administrativo. As *Memórias* são, pois, um “arquivo” que arqueólogos, etnógrafos e historiadores, assim como simples curiosos que pretendam abalançar-se em estudos de carácter local, regional ou mesmo suprarregional, devem forçosamente indagar. As referências setecentistas permitem aproximar de infindos conhecimentos de carácter arquitetónico e arqueológico, mas também de contos e lendas, assim como de distintas narrativas associadas aos “mouros” ou “romanos”, ou até do próprio movimento construtivo de pontes e pontões. Das igrejas às capelas, passando pelos retábulos e pela imaginária que os seus interiores abrigam, tudo o que sobre isto diz respeito tem espaço para os mais diversos estudos. As *Memórias Paroquiais* são o mais fiel retrato – seguramente, o exemplar de obra escrita mais completo –, e uma imprescindível fonte para conhecer todo o Portugal de setecentos. Para saber a génese e a implementação do projeto das *Memórias*, a título de exemplo, remete-se o leitor para a coleção *Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758*, que tem como coordenador-editor José Viriato Capela.

O presente texto visa apresentar o valor que esta fonte tem para a historiografia do concelho de Lousada.

2. Dos primeiros autores a servirem-se do *Inquérito Paroquial de 1758*

Desde a centúria de oitocentos que corógrafos, arqueólogos e profissionais de outras áreas da investigação se dedicam ao estudo e exploração das *Memórias Paroquiais*. Martins Sarmiento (1933; 1999), Leite de Vasconcelos (1895), Pedro A. de Azevedo (1895a; 1985b; 1896; 1899-1900a; 1899-1900b; 1899-1900c; 1899-1900d; 1899-1900e; 1901a; 1901b; 1902a; 1902b), G. Pereira (1895), A. Mesquita de Figueiredo (1895-1896a; 1896b; 1897a; 1897b), entre outros reconhecidos estudiosos pelos seus ensaios nas disciplinas de arqueologia, epigrafia e mesmo de história, em averiguações de distinto fôlego às memórias setecentistas, fixaram algumas informações de campos temáticos para a arqueologia e para a epigrafia e acentuaram o interesse desta fonte para estes estudos (Sousa, 2010; 2011; 2013a; 2013b; 2013c, pp. 753-771; Cardoso e Sousa, 2013, pp. 1-4; 2024, pp. 27-31). Pinho Leal (1873-1890), com o seu monumental *Portugal Antigo e Moderno*, foi dos corógrafos portugueses de maior monta nos derradeiros anos do século XIX.

Além de ter sido, de longe, o mais sistemático explorador deste género de obras, estas e outros trabalhos de menor folego serviram-nos de modelo para a composição do presente texto que dedicamos às notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial contidas nas *Memórias Paroquiais de 1758* sobre o território do concelho de Lousada. Ainda que, para o espaço concelhio lousadense, as notícias sejam pouco extensas, são, de modo inequívoco, um exemplo do valor documental de que se revestem as memórias setecentistas, podendo o seu uso ser alargado a uma ampla variedade de temáticas, que, amiudadamente, lançam pistas de estudo e concorrem sobremaneira para o entendimento de certas particularidades historiográficas da Idade Moderna no âmbito da história, da história da arte e da arqueologia, necessariamente adaptadas às distintas realidades administrativas do território nacional.

3. Apontamento metodológico

Dedicado à compilação de informes históricos, arqueológicos e patrimoniais contidos nas memórias que o Padre Luís Cardoso promoveu junto das paróquias portuguesas, em 1758, no caso do concelho de Lousada, o texto em mãos centra-se na cuidada leitura de três particulares questões, concretamente as numeradas com os números 22 e 25, no tratado sobre a Terra – “Se tem alguns privilégios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memória?” e “Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se ha nella, ou no seu districto algum castello, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?” –, e com o número 15, no tema do Rio, no qual é colocada a seguinte pergunta: “Se tem pontes de cantaria, ou de pau, e em que sitio?”. Sobre esta questão teceremos apenas umas breves notas, dado que a amplitude da temática relacionada com a rede viária e com a pontística impossibilita que sobre ela tenhamos aqui alargados apontamentos, até porque, necessariamente, teria de ser uma análise assente no confronto com a cartografia da época, ficando, por isso, para um outro espaço e oportunidade as considerações que esta matéria merece.

No concernente a informações relativas aos “romanos”, “godos” e “mouros” e a vestígios arqueológicos propriamente ditos – aqueles que se acham totalmente ou parcialmente ocultos no subsolo –, a consulta do inquérito passa obrigatoriamente por atentar no conteúdo de outras questões além das que acima se enumeraram. Por exemplo, no inquérito sobre o Rio, os memorialistas aludem, na questão 17 – “Se em algum tempo ou no presente, se tirou ouro das suas areias?” –, concretamente se os romanos ou os mouros tiraram ouro.

4. Coletânea de informes históricos, arqueológicos e patrimoniais com notas críticas

Acada extrato reproduzido expõe-se uma breve consideração sobre o seu conteúdo, de modo a fixar o interesse historiográfico da referência para o concelho de Lousada. Sem se pretender ser exaustivo, augura-se que as apreciações sirvam de estímulo ao investigador e ilustrem o enorme valor que o inquérito setecentista, vulgarmente conhecido por *Memórias Paroquiais*, tem para estudos arqueológicos e históricos que se pretendam levar a cabo a uma escala local, regional ou mesmo nacional. Ainda que se apresente o conjunto total de trechos considerados portadores de interesse para responder, de certo modo, ao objetivado no título do presente texto, a nota sobre o extrato somente é desenvolvida quando o conteúdo valorizado diga diretamente respeito à paróquia inquirida. Nos restantes extratos, quando o conteúdo aparece repetido, faz-se uma ressalva, direcionando o leitor para o mais aclarado apontamento. Algumas paróquias revelam um inquérito que, por vezes, permite a compilação de mais do que um informe, sendo anotados e individualizados nesta coletânea sob a forma de alíneas.

ALENTÉM

Extrato do inquérito setecentista

A) “Tem mais assima hum coarto de legoa, a unica ponte de cantaria de hum arco, chamada a Veiga, na freguezia de Sanfins e outros varios pontilhões de pau e pedra em diversas partes. E para baixo tem de cantaria arcoada, as pontes de Villella, Novelas, Sepeda [...]” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 294).

Comentário

Relativamente ao extrato A), subtraído do quesito 15, sobre o Rio, observe-se o que se anotou sobre as pontes da Veiga e de Vilela, respetivamente nas paróquias do Torno e de Aveleda.

AVELEDA

Extratos do inquérito setecentista

A) “Tem esta freguezia os lugares seguintes, Paiva, Barroca, Pontezinhas, Villanuste, Enfesta, Vilella, Prequiam, Barrimao, Agrella, Lamas de Baixo, Lamas de Sima, Palhães, Covo, Cazal, Cazaes Novos, Lama, Barrellas, Cartas, Mourinho, Gens, Avelleda, Momenta” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 297).

B) “Tem hua ponte de cantaria feita com perfeição e segurança, e foi feita por ordem de Sua Magestade, que Deos guarde. Esta ponte tem três ilhães, e tem de largura dez ou doze palmos, e está situada entre Vilella e esta freguezia, o qual lugar de Vilella pertence a esta mesma freguezia. E os moradores do dito lugar passam pella dita ponte para a igreja

ouvir missa e assistir aos officios divinos. Tãobém serve de passagem aos passageiros que vêm de Villa do Conde, e daquellas partes para a Amarante e para Villa Real. Tem mais no circuito desta freguezia dous pontidos e por qualquer delles só pode passar hua pessoa ao mesmo tempo, por serem estreitos. Hum de pedra, a qual chamam as poldras de Barrimao que serve de passagem desta freguezia para a freguezia de São Pedro de Cahide. O outro pontido hé de pao, a qual chamam a Ponte da Azenha, e serve de passagem desta freguezia para a freguezia de Alentém” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 299).

Comentário

No extrato A) salienta-se a referência a um lugar da freguesia chamado de Momenta, topónimo que surge documentado em textos medievais sob a expressão Monumenta e Monimenta. Deriva do latim *monimenta*, plural coletivo de *monimentu-*, que, de acordo com J. P. Machado (1993, p. 1007), trata-se de alusão a monumentos antigos, mas sem especificar. É de acreditar que se relacione este topónimo com a existência de uma estrutura tumular, entretanto desaparecida, eventualmente com uma génese construtiva medieval.

Quanto ao extrato B), o então pároco de Aveleda reporta-se, como por ele indicado, à Ponte de Vilela, a mais imponente ponte histórica existente no concelho de Lousada. Lançada sobre o rio Sousa, integrava um importante e ancestral eixo viário que ligava Penafiel a Guimarães, passando pelas Caldas de Vizela, a Vila do Conde e a Amarante. De construção sólida e cuidada, compõe-se de tabuleiro horizontal, provido de guardas, assente sobre estrutura de quatro arcos redondos e três pegões com talha-mares e talhantes (contrafortes).

No intradorso dos dois arcos contíguos à margem direita observam-se algumas siglas alfabéticas e numéricas. Pelo formato e posicionamento parecem corresponder a siglas de colocação (Cardoso e Sousa, 2014, p. 4).

Não se conhecem dados escritos relativos à construção da ponte, mas julga-se que terá ocorrido na Época Moderna e, como assinala o padre redator, teve patrocínio régio. Que se conheça, a mais recuada alusão à Ponte de Vilela encontra-se no *Livro de Óbitos* da Igreja do Salvador de Aveleda, cobrindo os anos entre 1625 e 1670 (Sousa, 2012, pp. 1-4). A referência encontra-se propriamente no registo de óbito de Santos Gonçalves, datado de 19 de janeiro de 1657, no qual anota o Pe. Domingos Correia que o indivíduo “faleceo [...] de hum desastre afogado no rio de Sousa debaixo da ponte de Vilela” (Correia, 1625-1670, fl. 101v). Os autores Cardoso e Sousa (2014, p. 4) referem que “a construção da ponte esteve, em nosso entender, associada a uma estruturante iniciativa de melhoramento das vias de comunicação terrestres apontada para o período do domínio filipino”, devendo-se considerar tratar-se de Filipe II ou III de Portugal.

À data, aqui confinavam dois concelhos, divididos pelo rio. Na margem esquerda encontrava-se o de Santa Cruz de Ribatãmega e do lado direito o de Lousada.

No mesmo extrato, o redator alude a um pontido de pedra a que se chamam “poldras de Barrimao”. Neste local foram identificados remanescentes de uma ponte romana. Seria composta de arco redondo único e de construção em que a técnica utilizada foi a



Figura 1. Ponte de Vilela, Aveleda. Perspetiva obtida de sudeste (2024).

de testa-peito. Na estrutura sobressaía o emprego de pedras bem esquadriadas em granito da região, com a totalidade das faces, inclusive o intradorso, a revelar o característico almofadado. A utilização de silhares de desigual proporção e as fiadas em desalinho evidenciavam obras de restauro a que ponte terá sido sujeita no seu longo tempo de uso.

Por finais do século XVI, concretamente em 1593, esta ponte parece manter-se transitável, sendo então conhecida como “ponte de Grades”. Vemo-la mencionada no Tombo do Mosteiro de Paço de Sousa, na parte respeitante à “Freguesia da Transfiguração de nosso Senhor da Auelleda, do concelho de Louzada...” (Andrade, 1593), aquando da demarcação das propriedades do “Casal de Barrimão”, designadamente da “boucinha da Fonte”, que limitava da banda do sul, com caminho que é serventia da indicada “ponte de Grades” (Andrade, 1593, fl. 572). Entre aquela data e 1758, a Ponte de Barrimau terá perdido a supremacia na matriz viária da região, o que, paulatinamente, a empurrou para o esquecimento e, concomitantemente, para a ruína. A este facto não será alheia a construção da Ponte de Vilela na mesma freguesia de Aveleda, que veio alterar a integração do concelho de Lousada na estruturação da rede viária regional, uma vez que esta ponte passou a permitir a existência de uma importante ligação entre o litoral e interior.

Em 1758, o abade-relator da memória paroquial de Aveleda deu conta da existência de três travessias no rio Sousa. Entre estas figura uma em Barrimau, sobre a qual diz que chamam as “poldras de Barrimao que serve de passagem desta freguesia para a fre-

guezia de São Pedro de Cahide”. Sobre a mesma cita que “só pode passar hua pessoa ao mesmo tempo”, por ser estreita. Quer isto dizer que a ponte já não se encontrava transitável nesta data, pelo menos a veículos puxados por animais (Sousa, 2013b, pp. 1-4).

CASAIS

Extrato do inquérito setecentista

A) “Tem três pontes de cantaria, hua na freguezia de Novogilde, outra na de Beire, outra na de Bittarais. E que de padieiras e traves de pao e de pedra em toda a sua extensão distando hua da outra, pouco mais de hum tiro de mosquete, para uso da cultura e da comunicação” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 304).

Comentário

Ainda que não se colham apontamentos sobre estruturas pontísticas existentes na freguesia de Casais, o pároco-relator não deixa de mencionar todas as travessias de que é conhecedor ao longo do rio Mezio, o que, de certa maneira, permite integrar a freguesia no desenho da rede viária local e regional. A ponte de cantaria que coloca em Nevogilde é a Ponte de Lagoas. Sobre esta travessia ver o que se anotou em Nevogilde.

CERNADELO

Extratos do inquérito setecentista

A) “Somente daqui se descobre hua torre que chamam a Torre de Villar, distancia menos de coarto de legoa, que hé no concelho de Unhão, a qual dizem ficou do tempo dos Mouros” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 305).

B) “Tem este rio nesta mesma freiguezia hua ponte que passam carros por ella, porém não hé de cantaria, mas sim são huas pedras compridas postas toscamente. Tem assima desta freiguezia, aonde chamam a Ponte da Beiga, hua ponte de cantaria, que hé na freiguezia de Sanfins. Tem mais hua de taboas e traves na freiguezia de Alentém. E tem outra de cantaria na freiguezia de Abelleda. São as que eu sei (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 306).

Comentário

O relator da memória de Cernadelo não nos legou notas de relevante interesse histórico, arqueológico e patrimonial. No entanto, como se depreende do extrato A), no quesito 25, sobre a Terra – “Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela ou no seu distrito algum castelo ou torre antiga e em que estado se acha ao presente?” –, diz “Nada”, mas dá conta que da freguesia se avista a Torre de Vilar, em Vilar do Torno e Alentém, estrutura senhorial medieval, possivelmente da segunda metade do século XIII ou de inícios da centúria seguinte (Cardoso, 2008, p. 3). Sobre a torre observe-se o apontamento que se teceu em Vilar do Torno.

Quanto ao extrato B), repare-se o que a propósito das Pontes da Veiga e de Vilela se disse em Torno e em Aveleda.

COVAS

Extrato do inquérito setecentista

A) “Nesta freguezia e nas vezinhansas nam tem outro nome, senam de Cortinhas, que tem huma ponte de pao. E logo abaixo no lugar de [Carrezeda] outra ponte de pão. E vai correndo pera a freguezia de Sam Paio, aonde se ajuntam outros regatos, e dahi pera a de Neovigilde, onde está huma ponte de pedra, que chamam ponte de Lagoas” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 307).

Comentário

Sobre as pontes de pau não nos podemos pronunciar, porque se acham perdidas devido à sua natural fraca resistência à passagem do tempo. O então abade de Covas, José Alves Ferreira, apesar de não implantada na paróquia que preside, relata, no rio Mezio, a Ponte de Lagoas. Para mais informações sobre esta ponte ver o que se disse a propósito para Nevogilde.

CRISTELOS

Extratos do inquérito setecentista

A) “Nam ouve nesta freguezia ruina de consideraçam com o Terremoto de terra, tam somente cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanario dos sinos, que pezariam três arrobas cada huma, e ainda se lhe nam puzeram” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 308-309).

B) “aldeia do Crasto” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 308).

Comentário

O padre Manoel Nunes Netto, relator da memória paroquial de Cristelos, respondendo ao quesito 26, relativo à Terra, realça que a respeito do terramoto a freguesia não sofreu qualquer ruína. Todavia, na Igreja Paroquial de Santo André “cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanario dos sinos”. Estes elementos escultóricos, por se terem quebrado e a sua substituição se revelar onerosa ou devido ao movimento pesado, três anos após o terramoto ainda não tinham sido colocados e é crível que não tenham sido repostos, dado que parece ter sido adotada uma outra figura escultórica para os remates referidos.

Posto que, diretamente, não aponte antiguidades, o pároco memorialista dá conta que uma das aldeias da freguesia é denominada “do Crasto”, o que admite, indiretamente, depreender referir-se ao Castro do Monte de São Domingos, povoado fortificado com comprovada ocupação na Idade do Ferro e na Época Romana, identificado em



Figura 2. Vista noroeste sobre a Igreja de Santo André de Cristelos (2024).

Cristelos, arqueossítio no qual se têm realizado trabalhos arqueológicos desde 1994, e que colocaram a descoberto um reduto defensivo com uma comprovada diacronia ocupacional entre o século IV a.C. e os princípios da Alta Idade Média, sendo reocupado na Baixa Idade Média, provado por relatos escritos, designadamente pelas Inquirições de Afonso III, de 1258 (Academia das Ciências de Lisboa, 1897, p. 542).

Pinho Leal (1874, p. 450) refere-se a Cristelos dizendo que “N’esta freguesia há o monte do Crasto, onde há vestígios de fortificações, do tempo dos romanos”. No âmbito do crescente interesse científico verificado pelas antiguidades do passado, mormente em finais do século XIX, o concelho de Lousada é visitado por Martins Sarmento, em 1880, a convite do padre Francisco A. Peixoto, que se demora pelo Castro de São Domingos, fazendo referência à existência de, pelo menos, três muralhas, fragmentos de telha romana e um fundo de louça vermelha, com restos de verniz (Sarmento, 1986, p. 26).

Anos mais tarde, o padre Francisco A. Peixoto, autor que havia comunicado a existência do Castro de São Domingos a Martins Sarmento, refere o aparecimento de “umas moedas semelhantes às nossas de cinco reis [...] e que um tal de José Pêlo tirou dentre um entulho dois púcaros de barro negro, cheios duma espécie de carvão [...]” (Peixoto, 1913, p. 1).

Martins Sarmento (1933, pp. 165-172) e Adília M. Alarcão (1958) referiram em trabalhos de sua autoria o aparecimento de *terra sigillata* e Mendes Pinto (1992), na sequência da realização da Carta Arqueológica do concelho de Lousada, cita o aparecimento de um denário de prata, do tempo de Augusto, emitido entre os anos 7 a 6 a.C. A impor-



Figura 3. Vista geral sobre a vertente oeste e sudoeste do Castro do Monte de São Domingos (2007).

tância e imponência que este povoado vinha a demonstrar pelos achados avulsos foram corroboradas pelas escavações que aí se desenvolveram pela primeira vez no verão de 1994, tendo as mesmas se desenrolado ininterruptamente até 1999, sob a orientação do mestre Marcelo Mendes Pinto. No topo do morro foi descoberto a quase totalidade de um “núcleo habitacional castrejo” e parte parcial de um outro que lhe fica contíguo. O primeiro merece realce, pois revelou uma casa de planta circular, de cobertura a colmo, com o característico pátio murado por dois pequenos muros curvilíneos, vulgarmente conhecidos por “braços de caranguejo” ou “tipo pinça”, voltados para um pátio aberto e lajeado, dando acesso a outras dependências, destacando-se entre eles um provável forno e uma estrutura de planta quadrangular que aproveitou uma parcela do pano da cintura da primeira muralha e do muro de delimitação do núcleo para se apoiar. Esta estrutura doméstica apresenta uma cronologia de finais do século I a.C.

Em 1996, salientamos a intervenção arqueológica numa estrutura doméstica romana, conhecida vulgarmente por Casa Romana, situada no sopé do povoado, que revelou uma dilatada cronologia, iniciada na segunda metade do século I até ao século V d.C.

É o mais importante e imponente povoado fortificado existente no concelho de Louzada, possuidor de um amplo campo visual sobre todo o vale do rio Mezio e apresentando íngremes vertentes, dotando assim o povoado de excelentes condições naturais de defesa. Porém, a complementar o sistema defensivo geral, existem ainda três efetivos panos de muralhas, correspondentes a cada uma das três grandes plataformas aí visíveis, separadas por fortes declives, onde se terão preferentemente construído as

estruturas habitacionais. No topo do outeiro uma observação mais cuidada revela uma plataforma tendencialmente circular, devendo tratar-se de um quarto pano de muralha com função defensiva ou não. No interior desta provável muralha foi já desenvolvida uma pequena sondagem arqueológica, que não revelou estruturas; apenas mostrou algumas pedras toscas, sem qualquer alinhamento aparente, cerâmicas de feição romana tardia e uma moeda do século IV d.C.

Numa área de abruptas vertentes situada a norte, no lugar de Travassos, entre o Castro de São Domingos e o Crastinho, dadas as características orográficas do terreno, parece possível apontar a existência no local de um fosso, que bem podia ter desempenhado uma função defensiva.

LODARES

Extrato do inquérito setecentista

A) “Em o rio Souza, no sitio desta freguezia tem hum passadisso de pedra, no lugar que chamam Souza. E o rio Mezio, em lugar que chamam Siqueiros, tem outro passadisso de Pedra, em modo de ponte” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 311).

Comentário

O encomendado Manoel Nunes da Rocha Ponte, redator da memória de Lodares, aponta, no número 15 das questões sobre o Rio, que no lugar de Sousa há um passadiço de pedra e que no de Sequeiros, sobre o Mezio, há um outro passadiço. Quanto ao passadiço de Sequeiros, cremos que esteja o pároco a reportar-se à Ponte das Lameiras. Porém, esta localiza-se na freguesia de Beire, no vizinho concelho de Paredes, pelo que nos escusámos a desenvolver qualquer anotação. No que se refere ao passadiço em Sousa, lugar meeiro com a freguesia penafidense de Bustelo, estamos em crer que o pároco pretende assinalar a Ponte de Sousa, uma estrutura pontística que mostra ter sido alvo de transformações ao longo dos séculos que lhe alteraram o desenho original, resultando, de facto, no que usualmente se denomina de ponte de padieiras de pedra, mas na qual se descobre um arco de volta completa, que permite apontar a sua fundação em plena Baixa Idade Média. A ponte terá cerca de 25 metros de comprimento e uma largura que oscila entre os 3,20 e os 3,40 metros. O tabuleiro é retilíneo e horizontalizado, composto por grandes lajes em granito da região, dispostas longitudinalmente em relação ao curso do rio, assentes sobre talha-mares estruturados por grandes blocos graníticos toscamente faceados. Não possui guardas, desconhecendo-se se alguma vez as possuiu. Na margem direita, como salientado, subsiste um arco redondo, de boa silharia aparelhada, sendo possível constatar-se em alguns silhares a presença de siglas de canteiro, o que é um indicador claro de uma ponte de fábrica medieval, talvez enquadrável pelo século XII/XIII, de que apenas persiste este elemento. A importância desta passagem parece ter decaído na segunda metade do século XVIII, como parece fazer crer o mapa de Custódio José Gomes Vilas Boas, datado de 1798, em que não coloca qualquer via a desembocar nesta ponte, mas sim um pouco mais adiante, a jusante, na ponte de Novelas, fazendo a passagem para Arrifana de Sousa (Penafiel).



Figura 4. Ponte de Sousa sobre o rio Sousa, Lodaes. Perspetiva de montante (2007).

SÃO MIGUEL DE LOUSADA

Extrato do inquérito setecentista

A) “E nam tem mais serras, nem montes dignos de memoria, excepto o monte do Crasto, que pega na mesma freguesia, o coal monte hé abundante de matos, e nelle também pastam gados, do coal se utillizam os moradores desta freguesia e circunvizinhas” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 314).

Comentário

O vigário Crispim Alvares da Silva, pároco de São Miguel de Lousada aquando da realização das memórias paroquiais, no quesito 27, sobre a Terra, após traçar o quadro geográfico da freguesia, aponta um “monte do Crasto”. A localização deste, considerando os dados de cariz arqueológico disponíveis para a freguesia de São Miguel, lança-nos poucas dúvidas quanto à ligação desta referência com o Alto dos Três Caminhos, destacado outeiro de 375 metros de altitude, onde foram recolhidos materiais cerâmicos e pétreos enquadráveis na pré-história recente e na proto-história (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 195).



Figura 5. Vista de ponte sobre a ponte de padieiras de Casais, Meinedo (2023).

MEINEDO

Extrato do inquérito setecentista

A) “Tem quatro pontes de cantaria, hua chamada a Ponte da Beiga, que fica quazi no principio, donde se ajuntam as fontes do seu nascimento. A outra chama-se a Ponte de Villella, distante meia legoa da primeira. A outra chama-se a Ponte de Novellas, distante hua legoa da de Villella. A outra, que hé a ultima que conheço, chama-se a Ponte de Cepeda, que fica distante meia legoa da de Novellas. E estas duas ficam vizinhas da villa de Arrifana de Souza. E tem este rio bastante pontes de pau. E no destrito desta freguezia tem duas de pau e hua de padieiras de pedra” (Capela, Matos e Borrallheiro, 2009, p. 317).

Comentário

O memorialista Francisco Peixoto da Costa, no extrato apresentado, revela ser um profundo conhecedor das travessias sobre o rio Sousa, registando quatro pontes de cantaria, várias pontes de pau e de padieiras. Sobre as Pontes da Veiga e de Vilela observe-se o que se expôs, respetivamente, nas paróquias do Torno e de Aveleda. As restantes pontes de cantaria assinaladas não pertencem ao concelho de Lousada e as de pau não cabe aqui analisar. Merece-nos atenção a ponte de padieiras de pedra que aquele relator coloca no distrito de Meinedo e que associamos à “Ponte de padieiras de Casais” (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, pp. 149-150). Trata-se, efetivamente, de uma ponte de

padieiras, com cerca de 11/12 metros de comprimento, não excedendo os 2 metros de largura. Dispõe de cinco pilares, com talha-mares a montante, de perfil piramidal, sobre os quais assentam os grandes blocos graníticos que compõem o tabuleiro. Este revela-se horizontal e sem guardas. Na margem esquerda do rio, parte da ponte um pequeno troço de calçada com aproximadamente 10 metros de extensão e 2 metros de largura, composto por toscas pedras sofrivelmente imbricadas. Na mesma margem, no lado montante da travessia, confirma-se a presença de uma passagem a vau para travessia do rio para a margem contrária sempre que o caudal do Sousa o permitisse.

NEVOGILDE

Extrato do inquérito setecentista

A) “Ao dessimo quinto respondo que nesta freguezia tem duas pontes, huma de cantaria sita no lugar de Lagoas, denominada comuamente a ponte Lagoas, e tem outra de pau no lugar de Azevedo que só serve para de pé” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 320).

Comentário

Assente sobre dois arcos de volta inteira, a Ponte de Lagoas possui tabuleiro horizontal com um muito limitado pendor para ambas as margens. O tabuleiro é flanqueado por guardas de duas fiadas de pedra que, pelas características apresentadas, quer no tipo de granito empregue quer no acabamento e dimensão dos silhares, terão sido colocadas posteriormente à primitiva construção da ponte (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 168).

No século XVIII, integrava os principais eixos viários de circulação do Entre-Douro-e-Minho, aparecendo representada em cartografia da época. A estrada que, partindo de Entre-os-Rios até Penafiel, seguia por Lodares até Nespereira, freguesia lousadense na qual a travessia sobre o rio Mezio acontecia precisamente na Ponte de Lagoas, alcançava, a partir daqui, Paços de Ferreira e Santo Tirso, ramificando neste último ponto para rumar a outras importantes localidades, como Vila Nova de Famalicão e Barcelos, bem como para Guimarães e Braga, entre outras povoações minhotas.

ORDEM

Extratos do inquérito setecentista

A) “Tem mais o lugar da Cappella, onde esteve antigamente Sancta Agueda, que hoje está alagada e tem hum carvalho muito velho que dizem se vê do mar e se valem os marinheiros da dicta sancta nas tromentas. E oje está a sancta na cappella de Sam Christovam dos Milagres, onde comessa a largura da serra” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 321).

B) “Tem na freguezia de Souzella huma ponte de pedras, sem cantaria, que terá duas varas de comprido. Tem outra de pau, para gente de pé, no lugar de Cortinhas desta



Figura 6. Extrato do Mapa da provincia d'Entre Douro e Minho (Vilas Boas, 1794-1795).

freguesia. Tem outra no lugar de Carzedo desta freguesia pera passar de pé pera a missa e pera os sacramentos em Sam Paio de Cazais. Perto do lugar do Bairro tem o dito rio huas pontes de passar pera a igreja e campos, hua de pedra, outra de pau. E na freguesia de Neovegilde, lugar de Lagoas, huma ponte de cantaria de pedra. Outra na freguesia de Beire, outra de poldras na freguesia de Bitarains. E não sei que tenha mais pontes thé se juntar ao rio Souza” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 322).

Comentário

Relativamente ao extrato A) cabe destacar o que o memorialista Machado de Abreu e Silva diz em resposta à questão 3 sobre a Serra – “Os nomes dos principais braços dela?” –, pois faz um interessante relato sobre o monte chamado de Santa Águeda, em

que houve antigamente uma capela. Sobre a Capela de Santa Águeda ver o que se apontou em Sousela.

Sobre o extrato B) observe-se o que sobre a Ponte de Eira Vedra se anotou para Sousela e sobre a Ponte de Lagoas atente-se ao descrito na nota de Nevogilde.

SILVARES

Extrato do inquérito setecentista

A) “Há nesta freguezia hum bosque solitario chamado Pontarrinhas, no qual há ponte feita de cantaria de hum só ilhal, que terá oitenta palmos de comprido, que tem hum cruzeiro metido nas guardas da mesma ponte. Corre esta ponte do Nascente para o Poente, e foi mandada fazer no anno de mil e setecentos e vinte e seis, para evitar os grandes perigos em razam das muitas aguas que naquelle bosque se ajuntavam no tempo de Inverno, que descem do lugar de Lagares, e do lugar de Covas desta freguezia. E no tempo de Veram vai o dito bosque seco, por acazo leva agua chovendo ou havendo alguma trebuada. Fez-se a dita ponte por cauza de passar por aquelle bosque hum estrada publica que vem da cidade do Porto e vai para Basto, Chaves e Bragança. E também por ella passa o correio que vai para Mondim de Basto” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 328).

Comentário

O pároco memorialista refere-se neste extrato à Ponte de Ponterrinhas ou Pontarrinhas, usada para travessia do ribeiro de Pontarrinhas, curso de água que, no lugar do Paço, corre em leito fundo. Integra a Estrada Nacional 207, de ligação entre Lousada e Felgueiras.

SOUSELA

Extratos do inquérito setecentista

A) “Tem esta freguezia três cappellas, a saber, a cappella de Sam Christovam dos Milagres e Santa Agueda, na mesma cappella, onde se diz missa. E outra mista no mesmo sitio com a imagem de Sancto Christo, na qual se nam diz missa, de baixo da qual sahe hua grande fonte, que lanssa por três biquas. E estão estas duas cappellas situadas entre dous montes, longe de cazas e solitárias” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 328).

B) “Chama-se serra de Santa Agueda, e tem este nome porque munto antiguamente teve no mais alto della hua cappella da mesma sancta, e ainda lá estão os vestigios della” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 329).

C) “Tem nesta freguezia huma ponte de pedra” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 329).



Figura 7. Vista geral sobre a Fonte e Capela do Santo Cristo, Sousela (2018).

Comentário

Chama-se a atenção, no extrato A), para a referência a uma fonte por baixo da capela de Santo Cristo, por onde jorra água por três bicas, que são, efetivamente, três carrancas de estilo barroco. A fonte terá naturalmente brotado da terra no ano de 1642. Associada a uma revelação divina, prontamente lhe foram atribuídas propriedades curativas, começando ali a acorrer gentes de toda a parte (Sousa e Cardoso, 2023, p. 30).

Em Santa Águeda, monte citado no extrato B), outeiro em contraforte onde se alcançam altitudes acima dos 500 metros e se tem um largo horizonte visual, não se deteta ao presente quaisquer indícios de ali ter sido erigida uma capela, mas a tradição popular mantém viva esta memória. Diz-se também que a dita capela se arruinou devido a uma enxurrada e que a imagem de Santa Águeda foi transferida para a capela de São Cristóvão, nesta mesma freguesia (Sousa e Cardoso, 2023, p. 30).

O abade-redator Sebastião Pinto de Macedo, no quesito 15 sobre o Rio, a que corresponde o extrato C), alude a uma pequena ponte existente no lugar de Eira Vedra, usada para travessia do rio Mezio. É formada por um robusto arco abatido, composto por dez aduelas de granito bem esquadriado, suportadas em reforçadas paredes laterais embebidas nas margens. O tabuleiro é de perfil plano, provido de guardas laterais, também em granito. O tabuleiro surge insinuado nos alçados da ponte por uma fiada de pedras salientes, posicionadas entre o arco e as guardas. Esta ponte encontra-se no trecho viário denominado de Rua da Eira Vedra e possibilita a passagem sobre o rio Mezio, permitindo a ligação entre as Ruas Maria José Gomes Machado e da Loja (Sousa e Cardoso, 2023, p. 31).



Figura 8. Ponte de Eira Vedra, Sousela. Vista de montante (2023).

TORNO

Extratos do inquérito setecentista

A) “Tem mais esta igreja dous altares collateraes [...]. O da parte do Evangelho tem a imagem de Nossa Senhora do Rozario, junto do qual altar está hua sepultura com hum arco na parede, de que estão de posse os moradores da Quinta de Juste” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 330).

B) “Ao decimo quinto, que o Souza tem hua ponte de cantaria, com hum só arco nesta freiguesia. E o Piqueno tem nella tem pontelhoens piquenos e de pedra tosca. Hum no sitio do Couto, outro no sitio de Souza e outro no da Aldeia” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 331).

C) “Nesta sobredita Caza de Juste, se vêem muitas varias portas e janelas de molduras, bolas e feitios antiquissimos, columnas esquartejadas e de varias formas, três ameias de ponta de diamante guarnecendo hum antigo portal, e outras três sobre hua porta, hum arco com bolas e letreiro, que por muito antigo e incerto de seos passados e pella brevidade com que este mappa se fez, nam sabe o que contém, em cujas antigalhas de carrancas feitios se especializa hua janella rodeada de pontas de diamante, em cujo alto estão em hua bella tarja, em dous lados ou quartelas, as quinas de Portugal, servindo-lhe de timbre a Serpente de Moisés, circulando-a toda, de cujas armas regias sempre e entre outras a predita caza uzou, a qual por occaziam de se reedificarem seos

antigos e apareceram no anno de mil setecentos cincoenta e seis, e cincoenta e sete, e cincoenta e oito, varias moedas muito antigas, cujas [valias] metaes e letreiros, ainda pessoas intelligentes ignoram” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 332-333).

Comentário

A memória setecentista do Torno é, porventura, de entre as memórias paroquiais do concelho de Lousada, a mais proveitosa para o objeto do presente texto. Destacamos três extratos, mas na memória colhem-se diversas outras curiosidades.

O extrato A) remete-nos para um sarcófago sob arcossólio, Baixo Medieval, embutido na parede interior norte da Igreja do Torno. Primitivamente, terá pertencido à Casa de Vilar e, mais tarde, já no século XVIII, terá sido adquirido pela Casa de Juste, que coroou o arco com um escudo. Pelas dimensões que apresenta (195cmx97cm(91)x65cm(43)), estamos perante um sarcófago de adulto. Possui tampa em formato sub-retangular, com as faces laterais em chanfro. É em granito de grão fino, com as paredes desprovidas de qualquer elemento decorativo ou heráldico (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006, p. 4; 2008, p. 213).

A “ponte de cantaria, com hum só arco”, a que o texto destacado no extrato B) se refere é a Ponte da Veiga, estrutura viária medieval de arco único quebrado e tabuleiro em cavalete (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 214), que se pode observar sobre o rio Sousa, nas proximidades da Quinta da Veiga. Possui piso lajeado, que se prolonga por ambas as margens após o término da ponte. É provável que se prolongue debaixo da via de circulação local atual. Esta estrutura revela nos alçados “distintos aparelhos construtivos, sobressaindo os silhares graníticos do arco por terem recebido mais cuidados. Em algumas pedras de cantaria se observam gravadas siglas de canteiro, que atestam o medievo labor de vários mestres pedreiros. Apesar de a ponte presentemente não estar provida de guardas, registos fotográficos da primeira metade do século XX asseguram que as teve, sendo de cada lado compostas ao menos por um alinhamento de pedras” (Sousa e Cardoso, 2024, p. 31).

Sobre a Casa de Juste dá-nos o pároco setecentista copiosas informações como se depreende do extrato C). A janela de molduras e o portal antigo de que fala destacam-se ainda hoje na casa pela profusão decorativa que exibem, de inegável estilo arquitetónico manuelino. Ambos os vãos estão fora de lugar. Terão sido removidos do alçado poente da casa e colocados durante a reedificação ocorrida em 1756 e 1758 onde hoje figuram. O portal encontra-se na fachada, ao cimo da escadaria de acesso ao primeiro piso, achando-se a janela, também posta no piso superior, mas voltada para a capela, no alçado da casa voltado a poente. Durante as mesmas obras relatadas surgiram “varias moedas muito antigas, cujas [valias] metaes e letreiros”, desconhecendo-se que destino lhes foi dado.



Figura 9. Ponte da Veiga, Torno. Perspetiva obtida de montante (2020).



Figura 10. Vista geral sobre a Casa de Juste, Torno (2011).

VILAR DO TORNO

Extratos do inquérito setecentista

A) “Tem somente esta freguezia na parte superior a antequissima torre chamada de Villar, mui forte, que segundo a tradissam vulgar hé do tempo dos Godos. Está situada em sima de hum durissimo rochedo que só de algumas partes dos licerces se vê sobresahir a terra de hum piquena colina sobre que jaz. Terá de alto a dicta torre setenta e cinco athé oitenta palmos, e de diametro, tomado pellas faces de fora, tem corenta e dous palmos, correndo do Sueste para Noroeste. E de outra parte correndo do Nordeste para Sudueste, tem de diametro segundo as faces extriores trinta e hum palmos. As suas paredes têm de corpo seis palmos e são tanto por dentro como por fora de pedra viva, durissima de cantaria de fiadas, quazi de igual porpossam e sufessientemente polidas. Mas as junturas das pedras comidas do tempo mostram maior abertura do que nos seus principios poderia ter, indicio da sua nimia antiguidade. Nam tem ameias, mas indicio de em outros tempos ter sido com ellas ornada. Tem huma unica porta no solo ou logia que tem de largo seis palmos e de alto dez athé à padieira que defende do pezo hum escarsam de arco de meio ponto. Tem na fasse que fica para o Sudoeste duas genellas e outras duas na fasse que fica para o Noroeste. E na face que fica para o Nordeste tem três genellas e coatro na que fica para o Sueste. Porém todas estas genellas pella face extrior da torre só se devizam abertas em frestas de hum palmo de largo, exceto huma que fica à parte Esquerda da fasse do Sueste e outra que fica no meio da face Sudueste que estas se devizam por fora rotas com a mesma grandeza de huma, que por dentro tem os liveis das dictas genellas e descansos dos bigamentos que pella parte de dentro tem e se devizam. No projecto de algumas pedras indicam ter sido havitaçam de duas ordens de subrados, além de hum intersoto por sima da logia. E pella fasse extrior de Nordeste se divizam lugares de vigamento de alguma caza encostada. Nam se acha nella matrial algum de madeira nem mostra ser acentada em argamaso, acha-se totalmente preza e com siguransa primordial, sem ter ahinda levissimo indicio de ruina, nem tendencia a ella ahinda dipois do memorial Terramoto de mil setecentos e sincoenta e cinco anos. O estado da sua croa mostra nam se ter extrehido do corpo della pedra alguma” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 333-334).

B) “Tem mais assim a meio coarto de legoa, a unica ponte de cantaria, de hum arco, chamada da Veiga, na freguezia de Sanfins e outros varios pontilhoens de pau e pedra, em diversas partes. E para baixo tem cantaria arcoada a ponte de Villella, Nuvelas e Sepeda, de que tenho noticia” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 334-335).

Comentário

O longo texto expresso no extrato A) reflete a singularidade e raridade que a Torre de Vilar já então evidenciava no plano historiográfico e arquitetónico concelhio. Popularmente chamada de “Torre dos Mouros”, foi, em 1978, classificada como Imóvel de Interesse Público. A sua edificação, ainda que a ausência de fontes escritas não o



Figura 11. Torre de Vilar, Vilar do Torno e Alentém, numa perspetiva obtida de sul (2017).

possibilite confirmar, terá acontecido entre finais do século XIII e princípios do século XIV, sendo atribuída à família dos de Riba de Vizela, que então eram detentores de diversos domínios em Vilar do Torno, especialmente fundiários, mas também do padroado da Igreja de Santa Maria de Vilar.

Partindo da análise da arquitetura, e tomando em conta o conjunto de marcas de canteiro gravadas em silhares graníticos presentes no interior e no exterior dos paramentos da Torre, cremos que esta estrutura de afirmação senhorial terá surgido durante os reinados de D. Afonso III ou de D. Dinis, “atribuindo-se inclusivamente a construção da mesma a Gil Martins de Riba-de-Vizela, nobre cavaleiro que granjeou de grande prestígio durante o reinado de Afonso III, de quem foi mordomo-mor” (Sousa e Cardoso, 2024, p. 31). A Torre de Vilar foi construída no topo de um baixo promontório onde afloram extensas superfícies de sólida rocha granítica. Possui planta retangular e desenvolve-se em altura, alcançando cerca de 14 metros. Com quatro pisos, acede-se a cada um deles através de lanços de escadas de madeira, terminados no adarve, de onde se obtém uma ampla vista sobre o vale do ribeiro de Vilar. A entrada na Torre faz-se pelo sul, através de uma medieva porta de arco redondo com tímpano embutido, aberta ao nível do solo. Como realçado por Sousa e Cardoso (2024, p. 31), “o labor granítico medieval encontra-se igualmente patente nas frestas dos pisos superiores”. Este bem imóvel integra presentemente a Rota do Românico.

Relativamente ao extrato B), observe-se o que sobre a Ponte da Veiga se anotou para o Torno.

5. Notas a reter

O *Inquérito Paroquial de 1758* exige uma redobrada atenção de leitura porquanto há párcos que não cumprem de forma escrupulosa a ordem e a numeração original das questões. Uns optam mesmo por criar numeração própria, segundo as respostas efetivas que possuem, e outros respondem ao inquérito de forma continuada, sem qualquer menção à numeração. A grande maioria dos abades memorialistas menciona, usualmente, o património edificado e não tanto o património arqueológico. À questão 22, alguns padres responderam que “Nam tem privilégios, nem antiguidades dignas de memoria”. Porém, em outros pontos, vão mencionando sinais ainda que residuais da “época dos Mouros”, dos “Romanos” ou mesmo dos “Godos”. Este facto permite depreender o amplo leque de vestígios ou marcas do passado que englobavam o genérico conceito de património tido à época. Apesar de determinados bens patrimoniais serem designados de “monumento”, nomenclatura que incluía o bem numa esfera ecuménica que o considerava como “antigo”, logo “digno de memória”, ainda se constata muito presente a ideia de “antiqualha”. Talvez por isto as passagens que nos indicam como tratando-se claramente de vestígios arqueológicos não abundem; depreendemos da sua existência a partir de alusões aos “mouros” ou mesmo através da toponímia. Não foram invulgares as situações em que tecemos breves notas tendo em conta apenas este tipo de referências, tais como “Castro” ou “Craсто”, que, dado se acharem usualmente empregues na denominação de uma serra, um monte ou outeiro, foram considerados locais com possível relação com a existência de um povoado fortificado ou mesmo com uma atalaia, quer com outro qualquer tipo de assentamento possuidor de carácter defensivo ou apenas com uma função de controlo visual de uma determinada parcela do território. Similar abordagem se empreendeu relativamente aos topónimos “Torre” e “Castelo”, bem como aos topónimos “Arca”, “Mamoá” ou mesmo “Lomba”. Estes relacionam-se frequentemente com a presença de habitações senhoriais fortificadas, estruturas castelares em variados estados de conservação e construções tumulares pré-históricas.

O levantamento de notícias como as que aqui abordámos respeitantes a Lousada deverão preferencialmente ser cruzadas com diversas informações, através da consulta de roteiros arqueológicos, levantamentos patrimoniais, monografias locais e regionais, bem como pela recolha de informação em sites oficiais, concretamente o relativo aos monumentos portugueses classificados, integrados no Inventário do Património Arquitetónico do SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, da responsabilidade do IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P.¹, e a base de dados Endovélico, que compreende o Sistema de Informação e Gestão Arqueológica do atual Património Cultural, I.P. Deve igualmente dar-se importância aos levantamentos efetuados na

¹ O IHRU resulta da reestruturação e red denominação do antigo INH – Instituto Nacional de Habitação, tendo nele sido integrados o IGAPHE – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado e parte da DGMEM – Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

segunda metade do século XIX atrás referidos, da autoria de A. Mesquita de Figueiredo, Pedro A. de Azevedo e José Leite de Vasconcelos, que não só possibilitam concluir o que se havia feito a respeito desta matéria, como permitem ter uma ideia da importância dada ao *Inquérito Paroquial de 1758* para a investigação arqueológica e histórica.

Para Lousada, a expressão “mouro” surge somente em três ocasiões em todo o compo geral das memórias setecentistas do concelho, sendo que duas se encontram na mesma memória e se reportam ao mesmo local, traduzindo-se desta forma numa referência com muito fraca manifestação.

Em Caíde de Rei, “mouro” aparece referido quando listados os lugares que compõem a freguesia, e no dito “lugar do Mouro” é apontada a existência de uma capela de invocação a São Brás, voltando a indicação a surgir mencionada pelo pároco de Cernadelo quando se refere à Torre de Vilar, que associa a sua antiguidade ao “tempo dos Mouros”. Àquele incontornável bem patrimonial de Lousada alude o pároco de Vilar do Torno situando a antiguidade da Torre no “tempo dos Godos”.

No âmbito deste texto poderíamos, eventualmente, abarcar a questão das igrejas e capelas, mas o conteúdo é de tal forma amplo que deverá ser merecedor de análise num capítulo próprio.

Referências bibliográficas

Academia das Ciências de Lisboa, edit. lit., 1897. *Portvgaliae monvmenta historica : a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum... Inquisitiones. Volume I. Fascículo IV e V*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Alarcão, A. M., 1958. Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, n.º 68 (3-4), pp. 249-315.

Andrade, A. de, 1593. *Liuro de tombo dos bens, direitos, padroados, comedorias, iurdições, passais, quintas, casais, propriedades... que foi do mosteiro de Sam Salvador de Paço de Sousa...* [pdf] Euora: por Manuel de Lyra. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital <https://purl.pt/14779/4/res-228-a_PDF/res-228-a_PDF_24-C-R0150/res-228-a_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf> [Consult. 19 setembro 2024].

Azevedo, P. A. de, 1895. O Diccionario Geographico do P.e Luis Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, volume 1, pp. 267-268.

Azevedo, P. A. de, 1896a. Extractos archeologicos das «Memorias parochias de 1758». *O Archeologo Português*, Série 1, Volume 2, pp. 62-64.

Azevedo, P. A. de, 1896b. Extractos archeologicos das «Memorias parochias de 1758». *O Archeologo Português*, Série 1, Volume 2, pp. 252-264.

Azevedo, P. A. de, 1899-1900a. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume V (5), pp. 153-160.

Azevedo, P. A. de, 1899-1900b. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume V (6), pp. 187-192.

- Azevedo, P. A. de, 1899-1900c. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume V (8), pp. 524-256.
- Azevedo, P. A. de, 1899-1900d. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume V (9-10), pp. 297-304.
- Azevedo, P. A. de, 1899-1900e. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume V (11-12), pp. 343-352.
- Azevedo, P. A. de, 1901a. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume VI (3), pp. 67-78.
- Azevedo, P. A. de, 1901b. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume VI (4), pp. 103-112.
- Azevedo, P. A. de, 1902a. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume VII (8-9), pp. 237-240.
- Azevedo, P. A. de, 1902b. Extractos archeologicos das Memorias parochias de 1758. *O Archeologo Português*, Série 1, Volume VII (10-11), pp. 267-272.
- Capela, J. V., Matos, H. e Borralheiro, R., 2009. *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: edição de autor.
- Cardoso, C. e Sousa, L., 2013. Alentém em 1758: memória paroquial, toponímia e património. *Revista Municipal*, ano 14, n.º 115, pp. 1-4.
- Cardoso, C. e Sousa, L., 2024. São Pedro Fins do Torno em 1758: memória paroquial, toponímia e património (parte II). *Revista Municipal*, 4.ª Série, ano 25, n.º 233, pp. 27-31.
- Cardoso, C., 2008. O Românico em Lousada: a Torre Medieval de Vilar (conclusão). *Revista Municipal (Suplemento do Património)*, n.º 52, pp. 1-4.
- Correa, D., 1625-1670. *Aveleda (Salvador). Registo de óbitos*. PRQ/PLSD02/003/0002, Cota: E/12/2/3-10.4 - Bobina n.º 135, fl. 101v. Porto: Arquivo Distrital do Porto.
- Figueiredo, A. M. de, 1895. Informações archeologicas colhidas no Diccionario Geographico de Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, volume 1, n.º 5, pp. 142-144.
- Figueiredo, A. M. de, 1896a. Informações archeologicas colhidas no Diccionario Geographico de Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, vol. 2, n.º 2, pp. 54-55.
- Figueiredo, A. M. de, 1896b. Informações archeologicas colhidas no Diccionario Geographico de Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, vol. 2, n.º 6-7, pp. 162-165.
- Figueiredo, A. M. de, 1897a. Informações archeologicas colhidas no Diccionario Geographico de Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, vol. 3, n.º 9-11, pp. 218-223.
- Figueiredo, A. M. de, 1897b. Informações archeologicas colhidas no Diccionario Geographico de Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, vol. 3, n.º 12, pp. 281-286.
- Machado, J. P., 1993. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa. Vol. II. 2.ª ed.* Lisboa: Livros Horizonte/Confluência.
- Nunes, M., Sousa, L., e Gonçalves, C., 2008. *Carta arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- Peixoto, Pe. F. A., 1913. Louzada: sua origem e antiguidades. *Jornal de Louzada*, 6 jul., p. 1.
- Pereira, G., 1895. Interrogatorios para a organização do Diccionario Geographico do P.e Luis Cardoso. *O Archeologo Português*, série 1, volume 1, pp. 268-271.

Pinho-Leal, A. S. A. B. de, 1873-1890. *Portugal antigo e moderno: dictionario geographico, estatístico, choro-graphico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias...* 12 volumes. Lisboa: Mattos Moreira & companhia.

Pinto, J. M. S. M., 1992. *Património Arqueológico de Lousada. Plano Director Municipal de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. (policopiado).

Sarmiento, F. M., 1933. *Dispersos. Colectânea de artigos publicados desde 1876 a 1899*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Sarmiento, F. M., 1986. ANTIQVA (Informes, reconhecimentos e prospecções). Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento, anotados por F. J. Salgado Guimarães. *Revista de Guimarães*, n.º 96, pp. 5-33.

Sousa, L. e Cardoso, C., 2023. Santa Maria de Sousela em 1758: memória paroquial, toponímia e património. *Revista Municipal*, 4.ª série, ano 24, n.º 231, pp. 27-31.

Sousa, L. e Cardoso, C., 2024. Santa Maria de Vilar do Torno em 1758: memória paroquial, toponímia e património. *Revista Municipal*, 4.ª série, ano 25, n.º 239, pp. 27-31.

Sousa, L., 2010. Roteiro de notícias arqueológicas e mouriscas (com notas críticas). In: J. V. Capela, coord. 2010. *As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: edição de autor. pp. 1005-1025.

Sousa, L., 2011. Notícias arqueológicas e mouriscas (com notas críticas). In: J. V. Capela, coord. 2011. *As freguesias dos Distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: edição de autor. pp. 911-938.

Sousa, L., 2012. Eixo viário romano Oculis-Tongobriga: sua presença no concelho de Lousada. *Revista Municipal (Suplemento de Arqueologia)*, ano 13, n.º 94, pp. 1-4.

Sousa, L., 2013a. Notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial nas Memórias Paroquiais de 1758 do concelho de Lousada. *Revista Municipal*, ano 14, n.º 107, pp. 1-4.

Sousa, L., 2013b. Rede viária romana em Lousada. A ponte de Barrimau em Aveleda e vias confluentes. *Revista Municipal*, ano 14, n.º 114, pp. 1-4.

Sousa, L., 2013c. Roteiro – Castros, Castelos, Fortificações. Figuras e eventos militares. In: J. V. Capela e H. Matos, 2013. *As freguesias do Distrito da Guarda nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: José Viriato Capela. pp. 753-771.

Vasconcelos, J. L. de, 1895. Notícias de antigualhas da Terra de Miranda no século XVIII. *O Archeologo Português*, série 1, volume 1, pp. 11-12.

Vilas Boas, C. J. G., 1794-1795. *Mapa da provincia d'Entre Douro e Minho*. [mapa]. Disponível em: <<https://purl.pt/24996/2/>> [Consult. 20 junho 2024].